CATOLICISMO, MASSA E REVIVAL: PADRE MARCELO ROSSI E O MODELO KITSCH*

SÍLVIA REGINA ALVES FERNANDES**

resumo: Analisando a relação entre religiosidade e cultura de massa, este trabalho discute a presença de um personagem no cenário sociorreligioso brasileiro, o padre Marcelo Rossi. O sucesso desse líder parece estar associado a sua capacidade de adaptação às novas tecnologias e seu vínculo com um movimento católico: a Renovação Carismática. A junção e *bricolage* de vários elementos que compõem esse personagem aproxima sua religiosidade do exagero do *kitsch* e contribui para a discussão da cultura de massa no ambiente religioso.

palavras-chave: cultura de massa, padre Marcelo Rossi, religiosidade.

abstract: Analysing the relation between religiousness and mass culture, this article is about the presence of a religious person in Brazilian socialreligious scenario, priest Marcelo Rossi. This leader's success seems to be associated to his ability of adapting himself to new technologies and his link with a catholic movement: Charismatic Renewal. The junction and *bricolage* of several elements that makes this personage, his exaggerated religiousness is almost *kitsch*, contributes to the discussion of mass culture in a religious atmosphere.

key-words: mass culture, priest Marcelo Rossi, religiousness.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar a figura do padre Marcelo Rossi na cultura religiosa brasileira, considerando as interfaces entre religião e cultura de massa e as significações do discurso produzido nesse contexto. Minha análise não está centrada na

pertença religiosa dos que aderem à estética do padre Marcelo Rossi; essas pessoas são consideradas como um público diversificado. O que procuro verificar são as formas de combinação de elementos que compõem o “produto”¹ padre Marcelo, que, articulados, possibilitam que vários significados sejam atribuídos a sua performance e a sua inserção na instituição católica.

* Agradeço ao Prof. Carlos Eduardo Rebello pelos comentários a este trabalho.

** Socióloga, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ.

1 Em entrevista à revista *Veja*, Kater Filho, produtor de marketing religioso católico afirma, a respeito do padre: “Ele é um excelente produto porque reúne as características de um padre ideal”. Revista *Veja*, 09/06/99.

A questão central neste trabalho é a identificação da colagem ou *bricolage*² de elementos culturais externos feita pelo padre Marcelo Rossi e que constituem seu discurso na mídia e nas celebrações religiosas que reúnem um expressivo número de pessoas. Conforme esses elementos culturais forem sendo identificados, será possível perceber determinados contornos da estética modernizante e simultaneamente tradicionalista de padre Marcelo.

Assim, procuro seguir a direção contrária do foco da crítica que Umberto Eco (1970:19) faz aos “apocalípticos”, que não buscam compreender a forma pela qual os produtos são consumidos e acabam caindo no binarismo da avaliação moral. Tal binarismo implica formular a questão sobre a cultura de massa buscando a resposta na consideração de ser essa cultura boa ou má. Colocada nesses termos, a questão incorre no radicalismo dos frankfurtianos Adorno e Horkheimer, que apregoam o valor da “arte elevada”. Esta, em oposição à *cultura de massa*³, possuiria uma função crítica, não transformando o público em objeto passivo. Adorno era cético quanto à possibilidade de reverter o processo de instrumentalização do mundo e tal ceticismo faz com que ele considere a arte de vanguarda o último refúgio da razão

crítica. Ele combate de maneira determinada as teorias tradicionais e acredita na possibilidade de construção de uma ciência neutra. Tal posição é claramente positivista e provoca um impasse para Adorno, que acaba por fazer de sua sociologia um campo para reflexões fragmentárias a respeito da produção artística.

Esse trabalho não compartilha, portanto, da teoria desses pensadores frankfurtianos, especialmente no que se refere ao seu caráter hermético em relação à visão de racionalidade. Penso que tanto a religião quanto a arte são lugares alternativos para a produção de novas epistemologias e, enquanto fenômenos sociais, dispensam análises preocupadas com a intencionalidade ou com a origem.

Construirei algumas relações possíveis entre o *kitsch*⁴ e os produtos que compõem a narrativa do padre Marcelo na mídia a partir da análise do “kit” religioso (parafernália vendidas através de sites e lojas católicas que vão desde bijuterias até pequenas coleções de livros de auto-ajuda) concentrando-se no *terço bizantino*, em seu significado histórico e sua recente adaptação feita pelo padre Marcelo.

Considerando o catolicismo na contemporaneidade brasileira, o “bizantino” que compõe o discurso do padre apresenta-se como uma “falsa continuidade”, no sentido dado por Paul Veyne (1998:269), já que o Império Bizantino está situado em outro momento histórico. Assim, importa identificar os sentidos ou as diferentes

2 O termo vem sendo utilizado para analisar as interseções presentes no campo religioso brasileiro. Utilizo-o no sentido atribuído por Levi-Strauss em *O pensamento selvagem*.

3 O termo, em geral, é usado de modo pejorativo, tendo virado jargão especialmente no contexto de uma leitura marxista. Umberto Eco afirma que embora o termo represente um híbrido, não se pode mais pensar na cultura numa perspectiva transcendental, sem considerar os condicionamentos históricos que aformulam (Eco, 1970:15).

4 A etimologia da expressão remonta, segundo Umberto Eco (1970:71), à segunda metade do século XIX. Indica a oferta de produtos artísticos vulgares endereçados a compradores ansiosos por fáceis experiências estéticas.

fisionomias que hoje podem estar sendo atribuídos a ele, seja pelo padre, seja pelos sujeitos que incorporam as práticas religiosas constituídas a partir desse apelo.

Pretendo, então, levantar algumas possibilidades de significação para o “sucesso” desse líder religioso junto às massas sem me ater a uma definição precisa da categoria “massa”. Isso porque, se me ateno ao conceito, posso incorrer no erro dos “*apocalípticos*”, identificando a cultura de massa como “subcultura”. Este trabalho, nesse sentido, é uma tentativa de romper com um “sentido ontológico” das coisas, ainda que este seja um dos pressupostos da religião. De qualquer forma, penso que cada vez mais é necessário romper a mania racionalizante de analisar a realidade empírica. Procurarei trilhar um caminho que não parte da consideração de que há um “sentido oculto” a ser descoberto no estilo de religiosidade implementado pelo padre Marcelo, mas sim de que há uma “dialética entre mensagens e receptores, irreduzível a esquema e que constitui um imprevisível território de pesquisa” (Eco, 1970: 108).

O trabalho, nesse sentido, ganha um caráter exploratório e tem mais a função de levantar questões do que respondê-las. Pretendo seguir o seguinte percurso: 1) análise do caráter heróico ou redentorista do padre Marcelo (resgate do catolicismo perdido); 2) identificação dos elementos que compõem sua imagem na mídia e do caráter *kitsch* de sua mensagem; 3) fornecimento de pistas para interpretar a relação entre massa e movimentos *revivalistas*.

É fato observável que a visibilidade nacional da Renovação Carismática Católica

(RCC)⁵ tomou corpo a partir da figura de padre Marcelo Rossi nos anos 1990, já que os grupos de oração – forma de reunião utilizada pelos católicos da Renovação – existem no Brasil desde os anos 1970. A RCC foi tecendo sua penetração nas massas a partir dos encontros nacionais de suas lideranças, da adesão de boa parte do episcopado e, ainda, a partir de seu discurso que enfatiza a pertença ao catolicismo, dando ênfase a uma vivência religiosa institucionalizada⁶.

Padre Marcelo tem 35 anos e, na infância e adolescência, participou de encontros e missas da RCC. Sua família católica também era ligada a esse movimento. Embora freqüentasse os encontros do movimento, aos doze anos não se identificava com o gestual que era proposto nos momentos celebrativos e manteve-se afastado até os 19 anos, quando sofre a perda de um primo. A partir de então, retorna à RCC⁷, embora prefira não afirmar publicamente sua identificação com a Renovação Carismática, e sim, simplesmente, sua identidade de “sacerdote da Igreja Católica”.

Apesar dessa afirmação de pertença institucional, de que ele não estaria ligado a um movimento religioso específico, mas à

5 O Movimento de Renovação Carismática chega ao Brasil em 1968 através de um padre jesuíta, em Campinas. De origem norte-americana, se desenvolveu a partir de um retiro espiritual realizado em Duquesne que reuniu estudantes católicos e protestantes.

6 Uso o termo “institucionalizada” para demonstrar que essa religiosidade, que enfatiza a necessidade de o indivíduo estar na Igreja ou pertencer à Igreja, é mais usual na tradição protestante. No caso do catolicismo, me parece que esse reforço da dimensão institucional pode estar relacionado ao desejo de reforço da identidade católica frente a outros movimentos revivalistas e, até mesmo, a estilos de religiosidade mais fluidos, como o *New Age*.

7 Folha de S. Paulo, 06/02/00.

Igreja Católica de maneira mais ampla, padre Marcelo é visto como um dos principais expoentes da RCC no Brasil, não só por incorporar a estética do movimento, mas também pela identificação com a linguagem característica dos movimentos revivalistas religiosos (ênfase na perspectiva mais intimista da fé, apelo emocional e discurso teológico reduzido ou mínimo). A RCC propõe que se viva um “*novo catolicismo*”, mas seu enfoque é de manutenção de seus aspectos mais tradicionais (Fernandes, 2000). Nesse sentido, há uma conotação de resgate de um catolicismo que perde fiéis, o que confere ao padre uma imagem heróica.

Padre Marcelo afirma ter descoberto sua vocação a partir de um filme que assistira sobre o papa João Paulo II e ficou extremamente impressionado com seu vigor e atletismo (Clarke, 1999). Essa imagem de um católico vigoroso, magro, “pra cima” é sustentada pelo padre sempre que surge uma oportunidade de fazê-lo (aproveitando sua formação em Educação Física), garantindo que o corpo é um importante instrumento de comunicação com Deus. Por esse motivo, suas músicas possuem coreografias que fazem com que as pessoas pulem, gritem, rodem, corram etc., numa demonstração de vitalidade e saúde.

Ao mesmo tempo em que padre Marcelo mantém uma proximidade com a massa de fiéis que o associa a uma figura comum, um padre próximo do povo, ele é visto também como “*um ser humano iluminado*”, o “*grande evangelizador do século*”, o que nos permite apontar seu caráter redentorista. Espera-se algo de padre Marcelo, ainda que seja apenas o bem-estar provocado por suas celebrações festivas,

que também são espaços onde se pode extravasar as emoções, cantar, chorar e dançar. O espaço religioso transforma-se em um espaço de trocas simbólicas, na medida em que cada um leva sua intenção ou seu problema para ser resolvido, escreve preces, deposita-as em pequenas urnas e recebe o conforto do padre.

I - HEROÍSMO REDENTORISTA DO PADRE MARCELO: O QUE É PRECISO SALVAR?

Ver milhares de pessoas lotando as celebrações ministradas pelo padre Marcelo e ouvi-las durante esses eventos de massa provoca uma estranha sensação de que elas esperam ser salvas de algum perigo que não se sabe ao certo qual é, ou, ainda, que anseiam por algum milagre ou “graça”. A figura do padre é bastante admirada; alguns demonstram abertamente essa admiração comentando que a Igreja deveria ter mais padres assim ou que é preciso rezar para que Deus mande mais sacerdotes como ele⁸. Percebe-se que há uma idealização e uma certa contaminação do estilo padre Marcelo, pois ele é adotado tanto por padres quanto por seminaristas⁹. O que caracteriza seu estilo é, sobretudo, a valorização da mídia e dos aparatos tecnológicos para o trabalho de

8 O documentário de José Jofilly intitulado: “O Chamado de Deus” apresenta claramente o estado de euforia que as pessoas atingem nesses eventos religiosos, independentemente da faixa etária.

9 É facilmente observável, sobretudo nos seminários diocesanos, não ligados a ordens religiosas, um ingresso de jovens desejando ser padres. A revista *Época* publicou em 25/12/00 uma matéria sobre o efeito Marcelo Rossi junto a seminaristas e freiras. O diretor do Instituto Teológico Sagrado Coração de Jesus, em Taubaté, afirma: “Em três ou quatro anos vamos ter um Marcelo Rossi em cada Igreja”.

evangelização e a organização de mega-eventos religiosos¹⁰.

A massa de fiéis que recorre às celebrações de padre Marcelo valoriza a maneira como ele atrai as pessoas para a Igreja¹¹, e sua presença provoca uma espécie de frenesi religioso. Um rapaz de 23 anos deu o seguinte depoimento no site do padre¹²: *“A primeira vez que vim, senti um arrepio, uma quentura, uma suadeira. Ontem, sofri um acidente de carro e não me machuquei nada e, mesmo com dores, vim para louvar e agradecer a Deus. O padre Marcelo faz a gente se sentir bem na missa dele”*.

Uma mulher, participante das missas, declara: *“Venho sempre à missa e chego bem cedinho para ficar mais perto do Padre Marcelo (grifo meu). Antes eu nem ia à Igreja, agora sempre que posso estou aqui e, quando dá, trago alguém da família (...) Cheguei cinco horas antes de começar a missa e cantei sem parar. Saio daqui até mais disposta”*.

Uma outra frequentadora assim resume a experiência provocada pelas missas do padre: *“Parece que o padre Marcelo transfere sua voz para o meu corpo. Sinto muita paz”*. Em um outro depoimento, uma senhora conta que: *“Quando comecei a frequentar o Santuário do Terço Bizantino estava passando por problemas emocionais, decepcionada com as pessoas, mas o padre Marcelo, através de suas mensagens,*

foi me dando esperança e fé para continuar confiando nas pessoas e aumentando minha fé em Jesus Cristo nosso Senhor”.

Para um bom número de participantes, o padre é alguém heróico, no sentido de que, através dele, as pessoas retornam à Igreja ou fortalecem a fé. Para outros, participar das missas produz uma espécie de proteção contra o mal. Nesse sentido, há um aspecto mítico na figura do padre. Ele não é reflexo de uma verdade fatual, mas contém uma verdade, dada por sua constituição histórica, que se consolida a partir dos significados que lhe são atribuídos. Um exemplo disso é que a indústria começou a fabricar abajures com sua imagem, de modo similar às estatuetas de santos católicos ou anjos, provocando reações do padre em um programa de rádio¹³. Fabricou-se, junto com a estatueta, um sentido para ela (ainda que involuntariamente). Tal sentido, — que não está no mito em si, mas foi produzido — demonstra que a “verdade” sobre a figura mítica do padre estará nas várias combinações de significados. Então, de acordo com a perspectiva de Lévi-Strauss (1985), o significado do mito é relacional e não deve ser analisado por elementos isolados, mas como um sistema de signos.

A experiência é um elemento importante na consolidação da eficácia simbólica do mito. O caráter heróico atribuído ao padre pode se dar em duas dimensões: a primeira estaria relacionada justamente a essa eficácia simbólica, pois quem vai às missas de cura e libertação, por exemplo, para buscar algum tipo de socorro, seja de ordem física,

10 Foram inúmeros os eventos celebrativos organizados no Rio de Janeiro e em São Paulo onde se pode contar com a presença de Padre Marcelo Rossi e outros chamados “padres cantores”.

11 Essas mudanças no perfil dos padres foi tema de uma das reuniões gerais do clero brasileiro realizada em São Paulo: “O perfil pastoral e teológico do presbítero no novo milênio” (Catoliconet, 20/06/01)

12 Esse e outros depoimentos estão no seguinte endereço na internet: www.catoliconet.com/padremarcelo.

13 Padre Marcelo afirmou, em relação à fabricação de sua imagem: “Isso não vem de Deus! Você que tem a imagem, pelo amor de Deus, qual é o lugar dela? Lixo!! (www.catoliconet.com/padremarcelo/noticia96.htm)”.

material ou espiritual¹⁴, acredita encontrá-lo. Como vimos no depoimento do rapaz acima, o fato de não ter sofrido nada no acidente de carro deve-se a uma ajuda divina, o que ele associa a sua participação nas missas celebradas por padre Marcelo.

As pessoas vão, experimentam as sensações provocadas pelo estilo celebrativo marcado pela música e pelo gestual, voltam e acreditam que sua vida pessoal está passando por algum tipo de cura ou de salvação a partir do apelo carismático do religioso. A outra dimensão do caráter heróico do padre está no fato de que, na visão dos participantes de suas missas e de boa parte dos fiéis que pertencem a RCC, ele estaria atraindo os católicos batismais de volta à Igreja, de forma que quem não possuía uma participação assídua no catolicismo retorna à Igreja a partir de suas missas. Entretanto, ainda não há estudos que observem o nível de participação dessas pessoas que freqüentam o Santuário Bizantino¹⁵ em outras atividades da Igreja Católica. Se, por um lado, é certo que a missa do padre reúne milhares de pessoas, por outro, não se pode afirmar que exista um engajamento massivo dos freqüentadores das missas em outras atividades pastorais.

O resgate dos católicos afastados da Igreja é, portanto, na visão de muitos membros da RCC, um ato heróico realizado por um líder “cheio de Deus”. A fórmula pode ser bem simples: o catolicismo estava perdendo fiéis com o avanço do pentecostalismo no Brasil e a

saída institucional foi adotar o mesmo estilo dos pentecostais, lançando no mercado um líder religioso carismático que valoriza a instituição católica e entende que sua “missão”¹⁶ é trazer de volta os católicos afastados. Entretanto, a figura do padre na mídia (programas de rádio, TV e meio impresso) e no Santuário onde celebra suas missas produz outros efeitos, sensibiliza as camadas médias e figuras do meio artístico, provoca reações contrárias dentro do próprio catolicismo de tendência mais progressista, mobiliza os jovens para a espiritualidade ou os desmobiliza para a contestação da ordem estabelecida. Enfim, a partir de sua imagem são produzidas leituras infundáveis sobre o futuro do catolicismo no Brasil, que vão muito além da mera interpretação de contenção do avanço dos pentecostais, até porque o padre Marcelo se diferencia dos grupos pentecostais quando direciona seu apelo aos próprios católicos, fazendo uma espécie de proselitismo intraeclesial. Com isso, podemos perceber que há um jogo de ações e reações ao padre como figura heróica capaz de provocar uma ampliação não intencional do discurso sobre catolicismo, mídia e massa.

II - O CARÁTER KITSCH DA NARRATIVA RELIGIOSA DE PADRE MARCELO

Observando o nome dado à Igreja à qual o padre Marcelo está vinculado – *Santuário Terço Bizantino* – pode-se ter um

14 A depressão seria um tipo de problema classificado pelos carismáticos como espiritual, uma “falta de Deus” que dá espaço para a ação do demônio.

15 Analisarei posteriormente o nome dado à Igreja onde ocorrem as missas do Padre Marcelo.

16 Em sua primeira missa após o contrato firmado com a Rede Globo, realizada em 29 de Julho de 2001, , padre Marcelo declara: “Evangélizar é minha missão e fico feliz por estar conseguindo cumprir com meu dever de pastor de ovelhas”.

indicativo importante na compreensão do aspecto *kitsch* de sua narrativa.

Sabe-se que o Império Bizantino, ou o Império Romano do Oriente, que durou onze séculos (330-1453), constituiu-se como o baluarte da cristandade contra a expansão muçulmana. Desavenças religiosas (lutas iconoclastas) provocaram excomunhões e, nesse contexto, têm-se também a conversão da Rússia ao Cristianismo e o cisma da Igreja do Oriente em relação a Roma (ano de 1054). A estrutura política do Império Bizantino ficou conhecida como teocracia bizantina, por ser o imperador considerado um homem de Deus que governava o mundo com poderes absolutos, baseado na convicção religiosa de que o império era uma cópia terrena do reino dos céus. É também nesse período histórico que a arquitetura religiosa teve um notável desenvolvimento. Os famosos vitrais das catedrais góticas européias são uma adaptação dos mosaicos das igrejas bizantinas.

No novo Santuário Terço Bizantino do padre Marcelo impressiona o estilo moderno: vaporizadores, usados nos dias quentes, e outros aparatos tecnológicos compartilham o mesmo espaço com os vitrais coloridos que imitam a arte sacra bizantina¹⁷. Convivem dialeticamente a proposta inovadora e as adaptações homologadoras, o que, segundo Eco (1970:80), faz com que muitos experimentem os efeitos dessas adaptações ao mesmo tempo em que julgam fruir algo novo.

Se abstrairmos a ideologia¹⁸ religiosa com a qual padre Marcelo estaria operando, pode-se crer na informação dada por seus assessores para o nome do Santuário: “*ele começou seus programas de rádio rezando o terço bizantino e daí veio a “inspiração” de dar esse nome ao Santuário*”¹⁹. Mas, para além dessa explicação, que parece conter uma “ignorância inocente”, pode haver uma identificação de padre Marcelo Rossi com um império teocrático bizantino, que, em novo estilo, combate as “seitas” que ameaçam o catolicismo, implementando um estilo revivalista de religião, com ênfase na conversão.

Converter, tornar os católicos mais participantes é seu objetivo e ser “mais participante” é, na visão de movimentos revivalistas como a RCC, compartilhar as normas e prescrições da Igreja de origem, inclusive no aspecto da moral sexual. Parafraseando Paul Veyne (1998:263), as tentações da carne podem parecer mais ameaçadoras do que, por exemplo, a desigualdade social, quando se trata de “dissecar” a visão de mundo desses movimentos.

Mas o efeito da estética de padre Marcelo é imprevisível e o fato de estarmos no contexto histórico atual, em uma atmosfera de pós-modernidade, faz com que ao mesmo tempo em que o erudito é valorizado no que possui de mais autêntico, pode ser imitado e transformado no patético

18 Não pretendo aqui falar de sentido oculto da narrativa do padre Marcelo e da corrente da Igreja que o apoia tentando descobrir uma “realidade que está por detrás” (Veyne, 1998), mas compartilho da visão de que a crença explica a prática e se constitui como uma narrativa, nesse caso, ideológica.

17 Segundo o artista plástico católico Cláudio Pastro (1993), a arte sacra bizantina afirma com clareza o dogma cristão contra as heresias.

19 Informação dada pela assessora Suely no site de padre Marcelo em 17/08/01.

e bizarro. Padre Marcelo pode ser contestado pelos “apocalípticos” que acreditam haver uma forma politicamente correta, atemporal, de ser religioso, mas seu sucesso parece indicar uma direção contrária: sua narrativa faz eco não apenas nas classes populares, mas em toda uma camada elitizada ansiosa por encontrar um sentido para a própria vida.

Assim, o “*modo kitsch de ser*”²⁰ de padre Marcelo com seu “Império Bizantino” só pode ser possível se considerarmos o contexto histórico e a crise de uma sociedade que o produziu. Ao que tudo indica, a figura histórica do Império Bizantino produzida por padre Marcelo parece se associar a um certo tipo de religiosidade “instantânea” própria à Cristandade Oriental – inclusive com sua “iconolatria”, que se traduziria pela busca de um contato direto com o divino, sem mediações intelectuais.

Nestor Canclini (1995:59) define o consumo como um “processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados”. Com isso, ele sugere a idéia de que há um sentido no ato de consumir que não se esgota nas análises psicológicas, que o associam à obsessão. Consumir é uma forma de dar concretude a um mundo marcado pela fugacidade. O autor vai então utilizar a análise de Mary Douglas sobre o ritual, que supõe, entre outros aspectos, a aquisição de objetos rituais. Tais objetos cumpririam a função de estabelecer o sentido e as práticas que reforçariam e preservariam o próprio ritual.

Como compreender, então, o consumo dos “kits” vendidos livremente nos sites²¹ e na loja católica do Santuário Bizantino? Tem de tudo, ao gosto do freguês: terço de todos os tipos e tamanhos, inclusive podendo ser usados como bijuterias; chaveiros coloridos de São Bento; kit composto por livretes diversos. Contudo, a ênfase no terço bizantino é forte. Não apenas o terço se diferencia dos demais, por conter 100 contas de lã – ao passo que os normais contêm 59 –, como consegue ser ao mesmo tempo “bizantino” e feito de “pau brasil colorido”.

Nesse sentido, podemos caracterizar a narrativa de padre Marcelo como *kitsch* porque “já surge consumido” e apresenta uma “incapacidade de estabelecer uma fusão da citação no contexto novo” (Eco, 1970: 110). As orações propostas para a reza do terço bizantino são fórmulas curtas deslocadas da tradição dessa oração, sendo ordenadas de acordo com a necessidade de quem ora. Se a pessoa deseja obter cura física, deve dizer repetidas vezes: “Jesus, me ajude; Jesus, me cure”. Há orações específicas para cada dia da semana, com temáticas que articulam o dia e um problema possivelmente vivido nesse dia, de maneira a supor que exista uma homogeneidade de situações vivenciadas por cada indivíduo. Segunda-feira reza-se pedindo a “renovação”, terça-feira, pela depressão. Os temas subseqüentes são angústia, enfermidade, trabalho, estresse e, no domingo, reza-se pela família²². O tom é sempre emocional e intimista, o que revela um exotismo religioso ou, quem sabe, um *kitsch* da fé?

20 Não quero deixar de considerar, entretanto, que a cultura de vanguarda também pode imitar o kitsch, conforme assinalado por Umberto Eco (1970:127).

21 É possível ver os produtos no site: www.shopping.terra.com.br/pmarcelo.

22 Ver informações sobre o Terço Bizantino no site: www.stratus.com.br/parouquia/terco.htm.

Talvez fosse necessário dar a essa cultura religiosa que o padre Marcelo traz um estatuto não essencializado, mas histórico. Que sentido pode ser dado ao fato de as pessoas consumirem seus produtos, ou “consumirem-no” como um produto? Adquirir terços e CDs com suas músicas, solicitar-lhe orações, estampar sua foto nas paredes, tudo isso pode estar revelando que tipo de valorização de sua narrativa?

Umberto Eco analisa que combater ou elaborar uma crítica sobre a cultura de massa pautada na consideração de um bom gosto atemporal ou deslocado historicamente constitui uma forma de ideologia burguesa, pois é possível ser de “bom gosto” com alto grau de reacionarismo, ao mesmo tempo em que o “mau gosto” pode também ser revolucionário, não sendo necessariamente acrítico e árido.

Tratando-se de nosso objeto de análise, creio que os elementos que compõem a narrativa de padre Marcelo (a emoção, o intimismo religioso e os materiais consumidos, que também estão carregados de sentido) não possuem um caráter revolucionário no sentido estrito do termo, de maneira a provocar a formação de uma consciência crítica ou de maneira a compor a fé com demandas sociotransformadoras, nos moldes da proposta progressista. Entretanto, podem ter se constituído a partir de uma demanda histórica das camadas médias brasileiras, que estariam reivindicando da religião um estatuto menos racionalizado, atendendo-as do ponto de vista de sua subjetividade. Para as camadas populares, sua narrativa possui o apelo redentorista de que falamos, traduzindo o que poderia ser uma

crítica ao sistema, uma sensação de possível mudança das condições de vida individuais através da fé.

Historicamente, o catolicismo é algo presente na cultura brasileira e, ao que tudo indica, o padre Marcelo disparou a motivação para uma adesão ao catolicismo como *conversão religiosa* quando, em nossa cultura, o termo conversão era particularmente utilizado para o movimento de mudança de uma religião para outra ou para a mudança de uma situação religiosa anônima para algum credo religioso. Entretanto, o tipo de conversão que ele provoca, embora tenha forte ênfase na pessoa de Jesus Cristo e nos ensinamentos tradicionais da Igreja Católica, parece produzir um outro efeito naqueles que valorizam o padre e acompanham suas missas: a novidade de conjugar, em um mesmo ritual, a crença, a dança e a emoção, ou seja, ocorre um processo de individualização a partir da comunicação de massa. A narrativa religiosa é um dado a mais, mas não parece ser o principal.

III - PISTAS PARA A DECODIFICAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE MASSA E MOVIMENTOS REVIVALISTAS

Levando-se em conta o que vimos até aqui talvez possamos tecer algumas considerações a respeito da relação entre a massa e movimentos revivalistas no Brasil. Sem dúvida, padre Marcelo é, no mínimo, “bom pra pensar” sobre o que é esse modelo de religiosidade que se estabelece e ganha vulto nas várias camadas sociais e que pode ser traduzido como uma “religião de festividades”²³. Quando vemos Roberto Carlos, Xuxa, Sandy & Junior, Fat Family e

23 Expressão utilizada por Carlos Alberto Rebello em comentário a este trabalho.

outros artistas dividindo o altar, ou melhor, o “palco” com padre Marcelo, podemos nos perguntar que códigos são combinados para formar o sistema no qual se inserem os movimentos religiosos revivalistas.

O código principal parece ser o da comunicação, entendido pelas lideranças religiosas como “evangelização”. Estabelece-se uma relação afetiva com as massas, construída tanto através da utilização de elementos simbólicos (como o lenço branco, entre outros) quanto a partir de uma narrativa. Como o aspecto emocional tem um forte peso nesses movimentos, a experiência também é valorizada. Experimentar o transcendente faz com que a pessoa possa se dar conta de si mesmo em momentos de efervescência religiosa. A comunicação transcende à narrativa, podendo se dar através dos símbolos e a partir de demandas de ordem subjetiva que o público possui. Há, portanto, um espaço semântico compartilhado entre lideranças religiosas e adeptos, que se consolida na relação comunicacional.

A *bricolage* entre elementos da cultura brasileira e a narrativa religiosa parece se estabelecer como um subcódigo dentro da preocupação de comunicação com a massa, o que ajuda a pensar o fascínio que padre Marcelo exerce sobre boa parte dos católicos e simpatizantes. Quando a música “Vira”, gravada por Roberto Leal, é adaptada pelo padre com um conteúdo religioso, ela é rapidamente assimilada pelos adeptos, o que dificilmente ocorreria em se tratando de um canto gregoriano. Não há uma valorização explícita da narrativa religiosa pelos receptores, mas sim do apelo afetivo que aquela mensagem, ainda que religiosa, carrega consigo.

Ao tentar atingir seu principal objetivo: “renovar toda a Igreja”, a RCC privilegia a comunicação, que, em sua visão, pode e deve se dar independentemente de uma coerência interna ou de um racionalismo no sentido de um estatuto da verdade. Nesse ponto, a estratégia de Padre Marcelo se assemelha a do Movimento, e tanto faz estar presente na mídia através de suas celebrações ou em programas de auditório. Isso porque há uma lógica de competição inerente a esses movimentos na sociedade brasileira. A disputa no campo religioso irá se constituir utilizando, cada vez mais, novas formas de difusão²⁴.

Os movimentos revivalistas são uma manifestação de uma realidade sensível e também simbólica. Aparecem por si mesmo e surpreendem de dentro para fora, do espontâneo para a organização, questionando o paradigma da racionalidade. Saem fortalecidos frente à crise de representação da sociedade civil, oferecendo alternativas para problemas cotidianos, como a fome, a pobreza, a violência. Se, em outro momento, o compromisso revolucionário mobilizava massivas manifestações populares, agora as grandes praças e estádios são ocupadas por um público peregrino, que se dirige a santuários ou outros locais de culto em busca de apoio espiritual.

Há uma dialética entre a narrativa e a recepção, que, creio eu, pode ser pensada como um segundo código presente nesses movimentos. Em sites ou através de cartas convencionais as pessoas podem falar de seus problemas com o padre; essa comunicação favorece a elaboração de sua

24 O movimento de RCC e o padre Marcelo Rossi utilizam todos os veículos disponíveis para a comunicação com o público. Estão presentes nas rádios, na Internet, na TV e no meio impresso, através de revistas religiosas.

narrativa. No caso das orações para cada dia da semana, é o próprio fiel ou receptor da mensagem de padre Marcelo que o informa sobre os problemas mais comuns que atravessa, num movimento de interação. Essa interação permite que o padre reconstrua sua própria narrativa de forma a atender a demanda de seu público. Nesse sentido, os meios de comunicação exercem um papel fundamental, porque permitem que uma mensagem seja reelaborada ou adaptada conforme as necessidades do receptor/fiel²⁵ em tempo recorde.

Um terceiro código que me parece importante nessa relação entre massa e movimentos revivalistas é a preservação e o reforço da individualidade. Essa massa que recorre aos estádios e santuários como o do Terço Bizantino apostam em um tipo de experiência religiosa que se constitui como espaço de dignidade, identidade subjetiva e alívio de problemas cotidianos, independente de sua camada social.

Nesse sentido, a relação entre coletividade e individualidade necessita de maiores confrontações. O ritual parece adquirir, em contexto coletivo, um perfil diferenciado do contexto individual. Ou seja, quem ouve e assiste a missa pela TV não está apenas compartilhando um momento coletivo, mas também participando de maneira mais autônoma do rito, valorizando os elementos simbólicos presentes no culto.²⁶

Por fim, o apelo dos movimentos revivalistas às massas pode levar a uma reflexão frutífera sobre nosso modo de olhar o papel da religião na sociedade contemporânea, bem como constituir um aprendizado que combata nosso hábito de fazer avaliações morais, buscando o sentido primeiro não apenas do mito, mas de tudo que questiona a racionalidade iluminista.

A primeira indicação que podemos dar para o “sucesso” do padre Marcelo, com sua estética e capacidade comunicacional, refere-se à conjugação dos elementos ou, se preferirmos, dos “sinais indiciários”, para usar uma expressão de Ginsburg (1989), presentes em uma realidade não negligenciável devido ao seu caráter dinâmico. Tanto o uso dos meios de comunicação quanto as formas de apropriação desses meios pelo público adepto de suas celebrações nos falam de movimento, não de estaticidade, de rapidez na resposta às demandas; de um dinamismo que se configura através do velho, da tradição (o Bizantino e suas formas), e do novo, da modernidade (a tecnologia de informação e seus correlatos).

Certamente é o dinamismo desses movimentos que talvez nos assuste, mas que, ao mesmo tempo nos desafia como pensadores. Enquanto estivermos preocupados com os índices de audiência de uma manifestação religiosa ou assombrados com as multidões nos estádios, sem tentar decodificar elementos de significação possíveis para o sucesso desse apelo, continuaremos produzindo um pensamento infértil, por não responder ou não indicar caminhos para compreender o humano, presos que estamos nas grades de nossa própria racionalidade.

25 No site de padre Marcelo Rossi sempre há alguma enquete sendo feita sobre assuntos da Igreja, sobretudo de ordem moral.

26 As pessoas colocam água sobre o aparelho de TV para ser abençoada, ao mesmo tempo em que podem seguir ou não outros apelos do líder religioso.

Artigo aceito para publicação dia 13/03/2003.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO e HORKHEIMER. *A Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.
- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Seuil, 1957.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- CLARK, Peter. "Pop-star priest and the catholic response to the 'explosion' of evangelical protestantism in Brazil: The beginning of the end of the 'walkout?'". In: *Journal of Contemporary Religion*, 14(2), 1999.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- FERNANDES, Sílvia Regina A. "Ver para crer": as novas investidas do catolicismo no Brasil através do padre Marcelo Rossi". Paper apresentado na XIV Conferência CESNUR. Riga/Latvia, Letonia, 2000.
- GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1983.
- MANDEL, Ernest. *Delícias do crime: história social do romance policial*. S/cidade: Busca Vida.
- MENDONÇA, Carlos Eduardo Rebello. *The Death of the Lidador: Joxer's Death and the problem of Self-fulfillment*. Whoosh online edition, 2001. www.whoosh.org/issue55/rebello2.htm
- PASTRO, Cláudio. *Arte Sacra: o espaço sagrado hoje*. Itapeverica da Serra: Casa São Lucas, 1993.
- SONTAG, Susan. *Against interpretation and other essays*. Nova York, Dell Publishers.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro, Ed. José Olímpio, 1999.
- VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: UNB, 1998.
- INTERNET:
- www.catolicanet.com.br
- www.terra.padremarcelo.com.br
- www.stratus.com.br
- www.rccbrasil.org.br